

GÁS E CONFLITOS GEOPOLÍTICOS

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Rússia usa a energia como ferramenta para construir e fortalecer alianças geopolíticas; suas relações com a Índia exemplificam como Moscou contorna o bloco ocidental, construindo um novo sistema de interdependências econômicas e políticas.

A energia sempre foi uma pedra angular da política internacional. Por exemplo: O acordo Rosneft-Reliance demonstra como a economia de recursos naturais pode ser usada como alavanca geopolítica. Para a Rússia, trata-se de responder às sanções ocidentais, encontrando mercados alternativos, explorando as necessidades energéticas de países como a Índia, fortemente dependentes das importações de petróleo. A Índia, por seu lado, está aproveitando a situação para obter recursos essenciais a preços reduzidos, reforçando sua segurança energética em um contexto de volatilidade global.

O acordo de 10 anos entre a Rosneft, uma gigante petrolífera russa, e a Reliance Industries, a maior refinaria privada da Índia, não é apenas um contrato comercial: é uma peça estratégica em um cenário geopolítico em mudança.

Enquanto o Ocidente procura isolar a Rússia com sanções econômicas sem precedentes, Moscou está redirecionando seus fluxos de energia para mercados mais acolhedores, como a Índia. Esta troca de 500 mil barris de petróleo por dia a preços subsidiados consolida uma aliança que tem implicações econômicas e estratégicas, capaz de redefinir o equilíbrio de poder global.

A Rússia utiliza a energia como ferramenta para construir e fortalecer alianças geopolíticas. As relações com a Índia, que também se desenvolvem no âmbito dos BRICS e de outras plataformas multilaterais, representam um exemplo de como Moscou está tentando contornar o bloco ocidental, construindo um novo sistema de interdependências econômicas e políticas.

ACORDO COM PAÍSES EUROPEUS

O encontro entre Vladimir Putin e o primeiro-ministro eslovaco, Robert Fico, que ocorreu em 22 de dezembro de 2024 no Kremlin, insere-se em um quadro geopolítico cada vez mais complexo. A questão energética, a questão do gás russo e as relações entre a Rússia, a Eslováquia e a Ucrânia representam aparentemente o cerne do diálogo, mas a importância política desta reunião vai muito além do fornecimento de gás.

UM EQUILÍBRIO FRÁGIL: GÁS E CONFLITOS GEOPOLÍTICOS

A vontade de Moscou de continuar o trânsito de gás para a Europa e a Eslováquia parece ser uma medida destinada a consolidar a imagem da Rússia como parceiro energético confiável, apesar das tensões ligadas à guerra na Ucrânia. No entanto, a expiração do contrato de trânsito com a Ucrânia em 31 de dezembro de 2024 – e a recusa de Volodymyr Zelensky em renová-lo – apresenta à Eslováquia um cenário incerto. A dependência energética do gás russo não é apenas uma questão econômica: é um peão estratégico que Moscou utiliza para manter uma posição segura nas relações com a Europa.

Fico, por seu lado, tentou defender os interesses eslovacos, sublinhando que uma interrupção do tráfego provocaria um aumento de custos para Bratislava de 220 milhões de euros. Mas o primeiro-ministro eslovaco foi mais longe e declarou que a guerra não pode ser resolvida militarmente e criticou abertamente as sanções contra a Rússia. Esta posição, que marca uma mudança de ritmo no que diz respeito ao apoio militar prestado por Bratislava a Kiev até 2023, reflete uma atitude pragmática e talvez desencantada em relação à guerra Russo-Ucraniana.

DINHEIRO, CORRUPÇÃO E TRÁFICO DE INFLUÊNCIA

Como vimos esta semana em vários meios de comunicação nas declarações do presidente da Eslováquia, Fico: *“Zelensky me ofereceu 500 milhões para votar pela entrada da Ucrânia na OTAN.”* E continuou: *“O senhor Zelensky voltou à questão do gás e me perguntou se eu votaria a favor da adesão da Ucrânia à OTAN se ele me desse 500 milhões de euros provenientes dos rendimentos dos ativos russos congelados. Eu, claro, respondi: nunca. Convidar a Ucrânia para a OTAN é completamente irrealista”*, disse o primeiro-ministro eslovaco.

Depois de quase três anos de guerra europeia, muitas dúvidas foram geradas, como as que levantamos nestas crônicas antecipatórias.

Pergunta: Foi oferecida ao primeiro-ministro eslovaco uma quantia enorme e incrível. Quinhentos milhões de euros que Zelensky pode utilizar como seus, livremente e à sua discrição?

Isto levanta dúvidas no cidadão comum da Europa. A UE concedeu à Ucrânia 300 bilhões de euros até aqui. Dos impostos dos contribuintes. Dívidas que teremos que pagar? A quantos outros foi oferecido pagamento? Quantos aceitaram e embolsaram o dinheiro?

ESLOVÁQUIA E RÚSSIA: NORMALIZAÇÃO POSSÍVEL?

A intenção de Fico de “normalizar” as relações com Moscou representa uma mensagem forte e, ao mesmo tempo, controversa. A Eslováquia, membro da União Europeia e da OTAN, encontra-se em uma posição delicada. De um lado, deve corresponder às expectativas de seus aliados ocidentais; de outro, está consciente da sua própria vulnerabilidade energética e das implicações econômicas de uma ruptura com a Rússia.

O diálogo entre Fico e Putin pode ser lido como uma tentativa de reequilibrar as relações bilaterais, tentando tirar partido da situação sem comprometer completamente o alinhamento com Bruxelas e Washington. Esta via dupla, no entanto, corre o risco de distanciar Bratislava de seus parceiros europeus, já céticos quanto a uma possível abertura em relação a Moscou.

UNIÃO EUROPEIA: IMPACTO LIMITADO OU NOVOS EQUILÍBRIOS?

As análises publicadas pelo *Politico*, que minimizam o impacto do fim do trânsito de gás na UE como um todo, podem não refletir totalmente os desafios políticos e sociais que esta perturbação trará. Para alguns países da Europa Central e Oriental, incluindo a Eslováquia, o gás russo ainda representa um recurso estratégico difícil de substituir a curto prazo.

As alternativas – como a criação de uma plataforma de gás entre a Ucrânia e a Polônia ou o reforço do abastecimento de outros parceiros – exigem investimento e tempo de implementação significativos. Entretanto, a questão do gás corre o risco de exacerbar as divisões dentro da UE, entre aqueles que pressionam por uma maior autonomia energética e aqueles, como Fico, que procuram um compromisso com Moscou.

MOSAICO GEOPOLÍTICO CADA VEZ MAIS COMPLEXO

A cúpula do Kremlin realça, mais uma vez, como a energia é um instrumento de pressão geopolítica que Moscou utiliza habilmente. Mas o encontro entre Putin e Fico não se limita à dimensão econômica: é também um sinal de resistência ao bloco ocidental e um aviso a Kiev. Zelensky, ao reiterar seu não à renovação do contrato de trânsito, expôs-se a críticas que já não vêm apenas de Moscou, mas

também de parceiros europeus cada vez mais preocupados com as consequências econômicas do conflito.

À medida em que a Hungria e a Turquia obtêm isenções para continuarem a trabalhar com o Gazprom Bank, e à medida em que surgem novas dinâmicas no mercado do gás – com a Rússia cada vez mais voltada para Leste – a Europa enfrenta um desafio crucial: gerir uma crise energética que não é apenas técnica, mas profundamente política.

O encontro entre Putin e Fico é, portanto, o símbolo de uma fase de transição, em que estão em jogo o equilíbrio de poder, as alianças e as estratégias energéticas da Europa e da Rússia. Contudo, como sempre, o tempo será o juiz mais imparcial das decisões tomadas hoje.

O FUTURO DA GEOPOLÍTICA ENERGÉTICA

Tanto o acordo com a Eslováquia como o feito entre a Rosneft e a Reliance são um exemplo claro de como a energia pode ser usada não só para impulsionar as economias, mas também para remodelar o equilíbrio de poder global. Para a Rússia, é um meio de resistir à pressão ocidental e manter um papel central no mercado energético global. Para a Índia, é uma oportunidade para reforçar sua segurança energética e seu *status* de potência autônoma.

Em um mundo cada vez mais fragmentado, onde a energia se torna uma ferramenta de influência política e diplomática, esta aliança representa uma nova forma de pragmatismo geopolítico. As implicações deste acordo não se limitarão ao petróleo: refletem uma reorganização das relações internacionais, onde antigas alianças dão lugar a um sistema mais complexo e multipolar.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
